



INSTITUTOS SUPERIORES DE ENSINO DO CENSA
INSTITUTO TECNOLÓGICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E DA
SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

O PADRÃO DE BELEZA COMO UM CONTROLE DOS CORPOS

FEMININOS Por

Renata Wagner Bastos

Campos dos Goytacazes - RJ
Novembro / 2021



INSTITUTOS SUPERIORES DE ENSINO DO CENSA
INSTITUTO TECNOLÓGICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E DA
SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

O PADRÃO DE BELEZA COMO UM CONTROLE DOS CORPOS

FEMININOS Por

Renata Wagner Bastos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado em cumprimento às exigências
para a obtenção do grau no Curso de
Graduação em Psicologia nos Institutos
Superiores de Ensino do CENSA.

Orientadora: Scheilla Maria Ribeiro Rocha Ferreira

Campo dos Goytacazes - RJ
Novembro / 2021

Ficha catalográfica

O PADRÃO DE BELEZA COMO UM CONTROLE DOS CORPOS

FEMININOS Por

Renata Wagner Bastos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado em cumprimento às exigências
para a obtenção do grau no Curso de
Graduação em Psicologia nos Institutos
Superiores de Ensino do CENSA.

Aprovado em _____ de _____ de

2021 BANCA EXAMINADORA

Prof^a Maria de Fátima Leite Ferreira, Mestre – UGF

Prof. Edson Ribeiro de Andrade, Doutor – Fiocruz

Orientador: Prof. Patrick Wagner de Azevedo, Doutor – UFF

*“Enquanto a definição de ‘beleza’ vier de fora
das mulheres, nós continuaremos a ser
manipuladas por ela.”*

Naomi Wolf

AGRADECIMENTOS

Foram 5 anos de caminhada, construções e desconstruções no curso de Psicologia, nessa estrada muitas pessoas me atravessaram e contribuíram para a minha formação. Gostaria de iniciar agradecendo à minha família por incentivar e sustentar os meus estudos desde pequena e possibilitar que eu chegasse até aqui, sem eles não seria possível eu seguir o meu desejo de me tornar Psicóloga,

agradeço por acreditarem no meu potencial e aguentarem todos os meus estresses durante os períodos de prova e produção do TCC. Agradeço à minha namorada Thássia por estar ao meu lado em todo o decorrer do curso, me apoiando em cada conquista, o seu abraço foi um acalanto diversas vezes durante esse processo.

Sou extremamente grata a todos os professores que compartilharam comigo os seus conhecimentos no percurso da graduação, irei carregar comigo um pouco de cada um. Agradeço imensamente aos meus orientadores, Patrick que muito contribuiu me direcionando da melhor maneira e provocando reflexões que foram pontuais para o meu trabalho, obrigada por partilhar comigo um pouco da sua paixão pela Fenomenologia, e à Maria de Fátima que me orientou de forma exata com muita atenção e carinho como sempre, obrigada por toda dedicação à minha pesquisa e por acreditar na minha competência desde o início da faculdade.

Agradeço aos meus supervisores de estágio, Edson, com a sua presença que foi essencial para a minha compreensão de como o trabalho clínico pode ser lindo, cheio de desafios e com a capacidade de nos fazer amadurecer profundamente como profissional e pessoa, obrigada por me auxiliar a enxergar a grandeza que a clínica pode realizar em nossas vidas, e Roberto, que com todo o seu conhecimento na área de saúde mental me fez entender como é importante que a gente olhe essas pessoas que em maioria são esquecidas pela sociedade, fazendo-me perceber como o nosso trabalho pode contribuir para que isso um dia mude.

Durante esses anos, passei por alguns lugares que ajudaram a construir na prática tudo o que aprendi com a Psicologia, por isso agradeço a Mariana Marins psicóloga, que foi minha supervisora de estágio no CRAS Jardim Carioca, local que pude ficar por 2 anos e se tornou especial na minha jornada. Agradeço a Letícia Marques e Eliana psicólogas do CAPS III, excelentes profissionais com as quais aprendi muito e que me ensinaram com paciência e afeto todo o funcionamento do dispositivo, foram uma inspiração para mim e levarei comigo toda aprendizagem desse estágio. Sou grata à minha amiga Regina que me auxiliou na tradução para o inglês, a Clarissa que realizou a formatação da pesquisa de acordo com as normas da faculdade, a Andressa que efetuou a correção ortográfica.

Sou eternamente grata à minha psicóloga Anne Caroline Barroso por me acompanhar em todo o processo da faculdade com o seu trabalho incrível, facilitando a minha vida com as questões que me atravessaram durante esse tempo,

obrigada pela escuta sempre atenta e por possibilitar tantas transformações em mim.

Por fim, agradeço a mim mesma.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos analisados neste trabalho..... 22

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. REVISÃO DE LITERATURA.....	8
1.1 História da beleza feminina da Grécia Antiga à atualidade.....	8
1.2 A indústria da beleza, as mídias sociais e a saúde da mulher.....	
13 1.3 A padronização e o controle dos corpos femininos	
..... 15 1.4 A fenomenologia e suas contribuições	
..... 16	
CAPÍTULO 2. ARTIGO	
CIENTÍFICO.....	19
1. INTRODUÇÃO	
..... 20	
2.	
METODOLOGIA.....	21
3. RESULTADOS/DISCUSSÃO.....	
22	
4. CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	28
5.	
REFERÊNCIAS.....	30
CAPÍTULO 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
31	

8

CAPÍTULO 1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 História da beleza feminina da Grécia Antiga à atualidade

Pode-se entender que os padrões de beleza se fazem presentes em toda a história da humanidade. A partir da conclusão de Suenaga et. al. (2012, p.16), “os padrões de beleza são impostos pela sociedade, difundido pela mídia e incorporado pela moda [...]”, não condizente com a realidade da maior parte dos corpos da população, principalmente os corpos femininos. Esse padrão pode se transformar de cultura para cultura, como também ao longo do tempo, como afirma Goellner (2003 apud ARAÚJO E MENEZES, 2011, p. 1), as representações do corpo não são fixas e nem universais, são efêmeras e podem ser alteradas de acordo com o

lugar e o tempo em que aquele corpo se situa. Tentando compreender como o padrão de beleza feminina vem se contornando de acordo com a época em que se encontra, será realizada uma breve recapitulação desde a Grécia Antiga até os dias atuais.

“Foi no período de ascensão de Atenas, no século V a.C., que os gregos passaram a ter uma percepção mais clara do belo estético” (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.), logo, o belo fez-se elemento essencial presente na cultura e na expressão das pessoas na Grécia Antiga. Naquele período, a beleza começou a ser caracterizada como proporção, porque o corpo humano considerado belo era aquele que exibía harmonia entre as partes. É importante ressaltar que para os gregos antigos, a beleza estava no corpo masculino. “A beleza era qualidade do corpo masculino mais especialmente do homem rico, másculo e grego” (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.), as mulheres gregas naquela época eram submissas, não obtendo nenhum direito político, e estando confinadas em suas casas se submetiam a rotinas diárias de embelezamento, como utilização de óleos e loções, cuidados com o corpo, com o cabelo, banhos e massagens. O corpo feminino ideal era representado nas artes, principalmente nas pinturas e esculturas, estando o mais similar possível do corpo masculino, contendo poucas curvas, pernas e braços tonificados e sem expressão facial, como, por exemplo, a escultura “Vênus de Milo” de autoria atribuída a Alexandre de Antioquia. “Ser um homem bonito era

9

fundamental, mas ser uma mulher bonita, era sinal de problema.” (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.), uma vez que a beleza feminina não era vista com bons olhos, e poderia fazer com que o homem fosse à loucura e se subordinasse a uma mulher.

Na Idade Média, havia uma grande influência religiosa do Catolicismo, os cuidados de higiene obtidos dos gregos foram deixados para trás e toda atenção à estética era considerada um desrespeito às leis divinas. “Os cuidados com o corpo, como a higiene e a saúde, eram considerados pecaminosos e o conceito de beleza estava diretamente ligado ao plano espiritual.” (SER CIRURGIA PLÁSTICA, 2017, s/p.). Entretanto, ainda se faziam presentes algumas indicações de vaidade, como processos para deixar o rosto mais rosado, os cabelos mais claros, a sobrancelha mais fina e a testa aumentada.

A Igreja via a mulher sob dois arquétipos opostos e baseados nas Escrituras: de um lado, a Virgem Maria, representando a absoluta

castidade e, de outro, a Eva pecadora. Este segundo arquétipo foi o mais presente. A mulher, tal qual Eva, era a mãe de todo pecado, vulnerável a fraquezas e vícios e, por conseguinte, associada ao demônio. (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.).

Acima cita-se a Virgem Maria e a Eva como arquétipos, compreendendo que os arquétipos são modelos fundamentais, padrões de experiências que se repetiram por milênios, universais e presentes no nosso inconsciente. No caso de Eva e Maria o arquétipo é o da Grande Mãe, sendo assim, algumas imagens são associadas à mãe e à mulher, variando de acordo com cada cultura. Além de serem associadas à figura de mãe, também são associadas ao arquétipo do feminino, sendo por um lado o feminino santo e por outro um feminino pecaminoso.

“A beleza feminina baseava-se no estereótipo da dama virtuosa, bem nascida, devota, de rosto angelical, lábios pequenos, mais para a Virgem Maria do que para Eva.” (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.). Sendo assim “[...] as mulheres tidas como perfeitas possuíam as mesmas características físicas da Virgem Maria.” (SER CIRURGIA PLÁSTICA, 2017, s/p.).

No Renascimento, o ideal de beleza feminina se afasta dos padrões religiosos e se baseiam nas deusas da Antiguidade.

10

A Vênus, de Botticelli (em **O Nascimento de Vênus**, c.1484-1486) é o arquétipo da beleza feminina inspirada na arte antiga clássica. Assemelha-se mais a uma escultura de mármore branco do que a uma mulher de carne e osso. A idealização da beleza ignora o padrão anatômico: a Vênus tem o pescoço exageradamente longo e inclinado, ombros estreitos e caídos de onde pende, estranhamente, o braço esquerdo. (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.).

Em meados do século XVI em diante, as representações do corpo feminino adotam a intenção de se aproximar da realidade dos corpos das mulheres, exibindo mais volume. Os pintores fazem as suas artes no intuito de que o corpo feminino pintado seja desejado e vá de acordo com o gosto dos possíveis compradores, que nesta época deixam de ser apenas as autoridades das igrejas e passam a ser também os nobres, príncipes, comerciantes e banqueiros. Um exemplo desse tipo de pintura é “As Três Graças” de Peter Paul Rubens, onde a representação do corpo feminino se distancia da escultura “Vênus de Milo”.

As imagens femininas repetem um padrão presumivelmente apreciado pelos homens (pelo menos para os compradores dessas obras): pele clara, rosto oval, cabelo loiro avermelhado e longo. A maquiagem já não é mais proibida e as mulheres pintam olhos, cílios e os lábios. As cortesãs maquiavam até os mamilos. No século XVII, para se obter uma aparência de

porcelana passa-se na pele uma pasta chamada *la blanquette* feita de pó de arroz, talco e umas gotas de tintura de benjoim, que obstrui os poros. (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.).

No século XIX, o surgimento das indústrias e do capitalismo contribuíram para que o mundo dos negócios não fosse considerado “lugar de mulher” por acreditarem que as mulheres fossem frágeis demais para isso, e assim as mulheres respeitadas eram as donas de casa. As roupas utilizadas por elas “refletiam o poder e o sucesso do marido e, ao mesmo tempo, a fragilidade e delicadeza feminina e sua submissão ao homem.” (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.). O item principal do vestuário feminino era o espartilho, o qual era usado tanto pelas burguesas quanto pelas operárias. “Sua função era levantar os seios, melhorar a postura e, o principal, afinar a cintura dando ao corpo feminino a forma de ampulheta ou de “X”. Um corpo partido ao meio.” (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.).

Nesse período, a beleza feminina poderia ser considerada contraditória, variando entre dois padrões estéticos, mas ambos são sustentados pela ideia de que a mulher é frágil e submissa.

11

De um lado, a burguesa virtuosa, matrona, gorda, de pele branca leitosa, com pouca ou nenhuma maquiagem, seios fartos e prole numerosa. A maternidade triunfante e o sucesso material do marido compõem o retrato do casal ideal. De outro, a mulher doente, magra, de olhos fundos. É a beleza mórbida e melancólica cantada pelos poetas como a “flor pálida” tal como Marguerite Gautier, a *Dama das Camélias* ou *Madame Bovary*, de Flaubert. O modelo experimentou uma certa voga nos anos 1820 a 1840, no auge do romantismo (ENSINAR HISTÓRIA, 2015, s/p.).

O início do século XX, segundo Ferreira (2010, p. 6) “é marcado por profundas transformações nos campos da ciência, da arte e da filosofia”. A mulher agora está inserida no mercado de trabalho, e isso gera novos parâmetros estéticos, portanto, elas começam a procurar se enquadrar na imagem de atividade que os novos tempos exigem. Afirma o mesmo autor: “Uma nova mulher emerge das profissões mais ativas e a ilusão de ter conquistado seus direitos faz com que ela passe a valorizar e investir mais no seu corpo” (FERREIRA, 2010, p.5). A ingressão no mercado de trabalho também gerou novas preocupações com o próprio corpo, visto que a aparência se tornou uma condição facilitadora para conseguir emprego.

O mercado de trabalho cada vez mais burocratizado e hierarquizado também valoriza a aparência e cobra dos sujeitos uma adequação às novas regras. Um mundo de competição no qual a beleza ajuda a conquistar e manter espaços, ao preço de uma eterna vigilância e de uma estrita soberania de si. (FERREIRA, 2010, p. 8).

Ferreira (2010) ressalta que desde o princípio do século XX o peso é determinado como um integrante fundamental da beleza feminina. A gordura se torna sinônimo de desleixo, quanto menos gordura o corpo possui, mais próximo ao corpo ideal a mulher estaria. A silhueta, que no século XIX era adquirida através dos espartilhos, agora é conquistada a partir de um controle de si, por meio dos exercícios físicos e regimes.

A gordura se transforma em inimigo número um da elegância e da felicidade. As medidas corporais tornam-se uma marca de beleza e os concursos de beleza popularizam esse novo padrão estético. Os concursos de *miss* se multiplicam no entre guerras e fazem com que as modelos exibam seus corpos perfeitos popularizando a nova silhueta. O índice de massa corporal, por exemplo, torna-se uma marca dessa nova preocupação fazendo com que os padrões de beleza corporal cada vez mais se ajustem ao novo código (FERREIRA, 2010, p. 6).

A indústria do cinema é uma importante influência e contribuinte para o padrão de beleza do século XX. As estrelas de cinema, construídas através das

12

telas, com seus efeitos, luzes e ângulos, agora são o ideal de beleza que as mulheres buscam. Surge a ideia de que a beleza tal qual das estrelas de cinema podem ser alcançada por todas, bastando ter disciplina, como afirma Ferreira (2010), “A aparência passa a ser submetida a um controle operado pelo próprio sujeito, um exercício da vontade que tem como referência o imaginário sugerido nas telas”.

De 1930 em diante, a estética começa a ser aperfeiçoada vigorosamente pela ciência, que vê nela uma boa fonte de investimento. O surgimento de novos cosméticos e a reinvenção das cirurgias estéticas vão se popularizando cada vez mais entre as mulheres, e o corpo acaba por se transformar em um dos maiores objetos de consumo. Entre as décadas de 50 e 60 a sensualidade entra em cena e a liberdade se torna o novo desejo feminino. Esse período é de grandes transformações sociais e culturais, a arte se desinstitucionaliza, saindo do campo de interesse pertencente a elite e partindo contra a sociedade do consumo, tendo a rebeldia como sua representação, mas como no mundo capitalista tudo se transforma em capital, “a própria crítica ao consumo se transforma em produto e é consumida sem cerimônia” (FERREIRA, 2010, p. 13). Nas décadas de 80 e 90 as *top models* que estampavam capas de revista se tornam o ideal de beleza, tendo poucas curvas e exibindo magreza, que muitas vezes tomavam proporções exageradas. No final do século XX, o mercado se constitui como o principal ditador

do padrão de beleza, fazendo com que esse padrão atenda ao que ele deseja que as pessoas consumam. Logo, a forma como as mulheres percebiam e cuidavam do seu corpo era influenciada pela intenção do mercado.

Na atualidade, a indústria da beleza preenche um lugar de destaque na sociedade. As diversas formas de modificação do corpo prometem fazer com que as mulheres alcancem o padrão de beleza tão esperado. Os procedimentos estéticos com valores mais acessíveis acabam por democratizar a expectativa de conquista do ideal de beleza, possibilitando que as mulheres escolham o corpo o qual desejam ter.

13

1.2 A indústria da beleza, as mídias sociais e a saúde da mulher

A indústria da beleza tem como objetivo fazer com que as mulheres desejem consumir o que o mercado da estética tem a oferecer. Segundo Suenaga et. al. (2012, p. 16), “A “indústria da beleza” contemporânea aumenta a lei de oferta e, conseqüentemente, aumenta a lei de procura, ditando tendências e incorporando padrões, estabelecendo reconhecimento perante a sociedade”.

Dessa forma, relacionam o “corpo perfeito” ao sucesso, à felicidade e ao poder. Existe uma diferença entre os corpos que a mídia expõe como ideais e os corpos reais das mulheres, fazendo com que elas sintam realizadas apenas tendo aquele corpo não natural que é produzido nas clínicas de estética e cirurgias plásticas, sendo assim, conseqüentemente, padronizado. Os cosméticos, as academias, os procedimentos cirúrgicos, os salões de beleza, são alguns resultados dos métodos que o mercado utiliza para espalhar os modelos de corpos a serem seguidos e alcançados. Dentro dessa perspectiva, segundo Nascimento et. al. (2012), é compreensível que na atual sociedade que se encontra completamente atravessada pelo capitalismo, o corpo se tornou uma mercadoria e é visto como mais um capital. “O corpo entra no mercado como produto a ser consumido por si mesmo, objetivando sempre a possibilidade de estar vivo e belo.” (COELHO, 2013, p. 31)

(...) a insegurança instituída na mulher, desde muito cedo, é a base para os lucros da indústria da beleza e para a perpetuação de um sistema patriarcal, cujo objetivo é a venda das mercadorias e por consequência, o ganho monetário, sem considerar os danos sociais causados pelo modo de vender seus produtos. (VILLAÇA E RIBEIRO, 2020, p. 14).

Conforme Villaça e Ribeiro (2020) explicitam, a mídia expõe a todo momento

apenas uma referência de corpo ideal, desconsiderando todos os outros tipos de corpos existentes, e assim vai sendo constituído um padrão que é internalizado pelas mulheres e formando a idealização de que tem que ser seguido. As redes sociais ganham um importante papel na disseminação do corpo visto como ideal, tendo o poder de levar muita informação a um grande número de pessoas em pouco tempo. Logo, a internet se tornou a principal aliada da indústria da beleza pela facilidade de alastrar as informações que o mercado da estética deseja que chegue a essas mulheres, em sua maioria já se encontram descontentes com os seus

14

próprios corpos. Portanto, é possível entender que “O risco do desenvolvimento da insatisfação corporal pode ser potencializado pela pressão sociocultural realizada através da propagação de figuras midiáticas, que são internalizadas como o padrão cultural de beleza.” (COELHO, 2013, p.12).

Tal descontentamento também é influenciado pela presença nas redes sociais desses “modelos a serem seguidos”, como, por exemplo, as blogueiras e influenciadoras que compartilham uma vida perfeita, com o corpo perfeito, dinheiro e sucesso, quando na verdade elas também acabam sendo uma das “vítimas” dessa indústria, onde, muitas vezes, precisam performar uma perfeição inexistente e levam uma vida mergulhada na superficialidade, preocupando-se excessivamente com a sua imagem, que é exposta diariamente a milhares de pessoas.

(...) quando a forma corporal é exposta nas mídias, sempre como um corpo belo e delineado, está entrelaçado à felicidade, ficando como uma mensagem subliminar que somente tendo um corpo esculpido, a felicidade e o sucesso chegarão, causando, principalmente nas mulheres, a insatisfação quanto ao seu corpo. (VILLAÇA E RIBEIRO, 2020, p. 16)

Segundo Villaça e Ribeiro (2020), a mídia não é o único meio que a indústria encontra para disseminar o padrão de beleza, a medicina e a ciência também entram nessa jogada como colaboradoras. Dessa maneira, a produção do corpo ideal passa a ser idealizada não somente em nome da estética, mas também em nome da saúde.

(...) enquanto a mídia gera um desejo de alcançar o corpo em amostra, a medicina e a ciência caminham para o lado da reconstrução física, através das cirurgias e medicamentos, por exemplo, como também na busca pela saúde perfeita, realizando testes e pesquisas que excluem qualquer tipo de defeito, usando como justificativa o ser saudável. (VILLAÇA E RIBEIRO, 2020, p. 13).

De acordo com Vianna (2005), a estipulação de um padrão que não condiz

com a realidade corporal da maioria das mulheres tem como uma das consequências prejudicar a autoestima delas. A partir do momento que os seus corpos não são representados na mídia, a inadequação social se fortalece, e a fim de modificar essa situação e serem acolhidas socialmente, as mulheres se sentem obrigadas a se encaixarem no padrão de beleza que foi instituído. Ao se sentirem dessa forma, acabam, muitas vezes, submetendo-se a procedimentos estéticos ou

15

cirúrgicos de forma irresponsável ou entrando em dietas extremamente restritivas que podem colocar em risco a sua saúde física e mental.

Algumas mulheres conseguem alcançar o modelo de corpo perfeito, entretanto o modo que isso é feito pode ser prejudicial à saúde, isto é, patologias são desenvolvidas durante o processo da busca incessante do corpo bem estruturado, uma vez que essa perfeição custa caro. (VILLAÇA E RIBEIRO, 2020, p. 25).

A busca por se aproximar desse padrão de beleza pode ocasionar diversos impactos psicológicos nas mulheres, uma vez que esse caminho na maior parte das vezes se resulta em uma frustração, essa busca “(...) quando não atingida pode determinar no aparecimento de baixa autoestima, de depressão e de transtornos psicológicos e alimentares” (SUENAGA et. al., 2020, p. 10). Assim sendo, o padrão corporal desejado socialmente não pode ser de fato considerado saudável.

A estética feminina divulgada pela mídia não é apenas uma simples exposição de corpos, mas uma imposição que tem consequências nefastas para as mulheres, dificultando sua vida social, trazendo problemas de saúde e constituindo uma séria violação dos direitos humanos. (VIANNA, 2005, p. 2)

1.3 A padronização e o controle dos corpos femininos

A cultura pode ser compreendida como conhecimentos que são adquiridos e compartilhados por certa comunidade ou grupo social, as pessoas que fazem parte de tal grupo social são influenciadas pelo que se transmite dentro da cultura em que foram socializadas. Na cultura contemporânea, a beleza ocupa um lugar de extrema importância socialmente, existe uma valorização do belo que com o auxílio do capitalismo vem se constituindo enquanto uma norma a ser seguida e, por consequência, quem não está apto a atrelar-se a essa norma se torna um “excluído” da sociedade.

O indivíduo “aceitável” é aquele que segue ou se enquadra no padrão social dominante. Quem não se adapta a esse padrão vive “à margem da sociedade”, sendo culpado por não possuir ou se aproximar deste ideal. (SHMIDTT et. al., 2008, p. 8).

Salienta Souza (2018) que a sociedade determina e exige que a mulher se adeque ao padrão de beleza como uma autorização para que ela se relacione

16

socialmente. Dessa forma, a padronização se estabelece como uma obrigatoriedade e um controle sobre os corpos das mulheres, que se sentem coagidas a responder a essa cobrança social. A partir disso, percebemos que a mulher “(...) realiza suas ações em função daquilo que é considerado “normal” e aceitável no seu meio social, na expectativa de preencher os requisitos exigidos pela sociedade a qual pertence” (COELHO, 2013, p. 36).

Em toda a história, as mulheres têm tido sobre controle patriarcal e/ou capitalista o direito de seus corpos poderem existir sem que haja uma pressão para que se modifique algo. Como consequência da padronização e do controle sobre os corpos femininos, as singularidades e diferenças da natureza do corpo da mulher têm sido destruídas pela homogeneização. Todo e qualquer detalhe de seu corpo que fuja do que se é imposto pelo padrão acaba sendo passível de transformação. Portanto, a sua verdade e sua natureza se perdem para que tome o lugar a uniformização de seus corpos.

1.4 A fenomenologia e suas contribuições

Segundo Sapienza (2015), formalmente o sentido da fenomenologia é a possibilidade de ver o ente como se manifesta em si mesmo, uma vez que a ideia formal de fenômeno seria o mostrar-se em si mesmo. Contudo, a fenomenologia intenciona-se a “fazer ver” o que não se mostra instantaneamente, o que se oculta naquilo que se mostra, mas que simultaneamente relaciona-se essencialmente com o que se mostra.

(...) fazer fenomenologia não significa nem ignorar nem desprezar as teorias, mesmo porque elas já fazem parte do nosso mundo, mas sim suspendê-las, isto é, deixar que o fenômeno, ou seja, aquilo que diante de nós se mostra e ao mesmo tempo se oculta, possa ser olhado por nós a partir dele mesmo, possa aparecer sem a interferência de tudo aquilo que teorias já disseram sobre ele. No dizer de Husserl, “voltar às coisas mesmas”. (SAPIENZA, 2015, p. 28)

Heidegger se configura como uma das maiores referências na Fenomenologia, com o seu livro “Ser e Tempo” (1927), ele traz grandes reflexões que se perpetuam ainda hoje entre os estudiosos e pensadores. Nesse livro,

17

Heidegger questiona o sentido do ser. Para o filósofo, a definição do ser humano é *ser-no-mundo*, não existindo uma separação entre homem e mundo, “não há homem sem mundo, nem mundo sem homem” (ROEHE E DUTRA, 2014, p. 108), a fim de especificar o modo de ser humano, Heidegger utiliza a expressão *Dasein*, tendo o significado literalmente de ser-aí. (ROEHE E DUTRA, 2014).

Ser-no-mundo não quer dizer o mero estar fisicamente localizado num espaço chamado mundo. A expressão ser-no-mundo significa que *Dasein*, ou seja, o ser-aí, é aí no mundo e ele é o *aí* em que há mundo. *Dasein* é o ente cuja existência se caracteriza por ser sempre já fora, aí, no mundo, por ser a abertura em que se dá mundo. Ao conhecer o que está “fora”, no “mundo”, *Dasein* não sai de uma esfera interna, ele já é sempre “fora” junto aos entes. (SAPIENZA, 2015, p. 39).

Para Heidegger, o homem se determina pela coexistência, pela convivência com outros homens, pelo ser-com, o seu mundo é um mundo compartilhado, portanto, o ser humano está a todo momento sendo tocado por imposições coletivas que influenciam o processo de construção de sua identidade. Heidegger denomina “impessoal”, “todo mundo” ou “a gente” o contexto em que o *Dasein* se esbarra com as determinações estabelecidas em seu mundo que se referem a como se tem que direcionar e levar a vida (ROEHE E DUTRA, 2014).

O filósofo enuncia que para conhecermos o que é tal coisa, não deve-se perguntar a ela, mas sim ao horizonte histórico no qual se encontra. A história, o tempo e o horizonte histórico são os fatores que determinam o que são as coisas. Pensando por esse viés, a beleza feminina não possui uma essência fixa, ela vai se essencializando de acordo com o período da história que se está. A estipulação de um padrão de beleza está inclusa no contexto da impessoalidade e, sendo assim, a beleza ideal é colocada para todos como um dever, tornando-se parte da rotina das pessoas. A mulher, nesse sentido, para se reconhecer dentro do “todo mundo”, cede a esse ideal de beleza.

A convivência cotidiana, as rotinas socialmente partilhadas, o viver a vida como se costuma viver, como todos vivem absorvem a individualidade, o si-mesmo de modo que o “eu” não se sobressai como um ponto referencial para o agir, ficando velado na identificação com o “todo mundo”, na impessoalidade. (ROEHE E DUTRA, 2014, p.110).

Por mais que a mulher não se identifique com o padrão de beleza

estabelecido, ela acaba se sentindo pressionada a segui-lo porque ele vem se

18

constituindo na cotidianidade de tal forma que a mulher não vê outra possibilidade de escolha. “O fazer cotidiano impessoal se mostra como uma necessidade, como a única possibilidade de ser, de tal maneira que o Dasein sequer reconhece que pode escolher seu modo de ser” (ROEHE E DUTRA, 2014, p.110). À vista disso, a mulher se rende ao que for necessário para fazer parte deste padrão.

(...) tem sobre si o peso de tudo aquilo que já está estabelecido como deve ser, o peso das coisas que já estão decididas no mundo, que são expressas através da voz de “todo mundo”, e não é fácil seguir a própria voz que a faria singular. Ela, como “todo mundo” sabe que é mais razoável procurar ser como “a gente” sabe que tem sido o modo adequado ao que a nossa época, o nosso mundo, esperam que “a gente” seja. E assim ela será. (SAPIENZA, 2015, p.82).

Quando a mulher se aproxima do ideal de padrão de beleza pode surgir uma sensação de conforto por estar perto daquilo que se entende que se deve ser. “A identificação com o impessoal tranquiliza o ser humano no sentido de lhe assegurar que tudo ocorre como deve ser” (ROEHE E DUTRA, 2014, p. 110). Mas ali ela se encontra reproduzindo particularidades que não necessariamente são suas, “A medianidade imposta pela impessoalidade cotidiana determina que o ser humano exista, na maior parte do tempo, conforme características que não são propriamente suas. Elas são de todos e de ninguém” (ROEHE E DUTRA, 2014, p.110).

19

CAPÍTULO 2. ARTIGO CIENTÍFICO

O PADRÃO DE BELEZA COMO UM CONTROLE DOS CORPOS FEMININOS

*Renata Wagner Bastos*¹*

RESUMO

O padrão de beleza é entendido enquanto uma obrigação para as mulheres, as quais acabam se submetendo a procedimentos estéticos, realização de cirurgias ou ingestão de medicamentos a fim de alcançar o tão sonhado “corpo perfeito”, esse que é divulgado excessivamente pelas mídias sociais e pelos meios de

comunicação com o apoio da indústria da beleza, da medicina e da ciência. O não alcance desse corpo considerado perfeito causa sofrimento nas mulheres.

Procedimentos Metodológicos: Foi escolhida para esta pesquisa uma revisão de literatura com caráter qualitativo.

Considerações Finais: O estudo

realizado neste trabalho constatou que o padrão de beleza esteve presente na vida das mulheres em todo o período da história e se transforma de acordo com as influências culturais, sociais e políticas que o atravessam. Esse padrão atua como um controle do corpo feminino que objetiva excluir a

singularidade da beleza da mulher com a intenção de homogeneizar a sua aparência para assim facilitar o manejo do mercado capitalista que lucra com a sua insatisfação. Todo esse processo tem um impacto na saúde física e mental da mulher.

Palavras chave: Padrão de beleza, corpo feminino, saúde mental, psicologia.

ABSTRACT

The beauty standard is understood as an obligation for the women that submit themselves to aesthetic procedures, plastic surgeries or intake of medicines in order to achieve the much dreamed "perfect body" that is overly disseminated by social media and the media with the support of the beauty industry, medicine and science. The non-reach of this body that is considered perfect causes suffering in women. **Methodological Procedures:** A qualitative literature review was chosen for this research. **Final Considerations:** The study carried out

in this research found that the beauty standard was present in women's lives throughout the history's period and it transforms according to the cultural, social and political influences that cross it. This standard acts as a control of the female body that aims to exclude the singularity of the woman's beauty with the intention of homogenizing your appearance to facilitate the management of the capitalist market that profits with their dissatisfaction. This whole process has an impact on the physical and mental health of women.

Key Words: Beauty Standard, female body, mental health, psychology.

20

1. INTRODUÇÃO

“A relação entre corpo e existência pertence à mesma ordem da relação entre existência e tempo: ambos estão profundamente envolvidos um com o outro, um não acontece sem o outro. A existência acontece pelo corpo, corporalmente” (PRADO et al, 2010, p. 781). Conforme a citação, a nossa existência se desenrola através do nosso corpo, logo, se estamos existindo, estamos expondo o nosso corpo ao mundo, e nos relacionando por meio dele e, dessa forma, muitos enredos são tecidos ao seu redor.

É através do nosso corpo que experienciamos os afetos, o comportamento, as percepções, dores, experiências, angústias, emoções e relações sociais. Dessa forma, a sua imagem tem tomado um lugar importante na sociedade. A imagem corporal se constitui como uma representação da estrutura do nosso corpo que criamos na nossa mente (SCHILDER, 1999 *apud* COELHO, 2013, p. 12).

A insatisfação com a imagem corporal tem sido cada vez mais presente na vivência das mulheres. De acordo com Benninghoven et al. (2007 *apud* COELHO, 2013, p. 12), a insatisfação corporal é uma avaliação negativa que o indivíduo realiza sobre o seu próprio corpo. Na atualidade, o desenvolvimento dessa insatisfação pode ser intensificada por meio da popularização das mídias que caminham a favor da construção de um padrão cultural de beleza (CASH 2002 *apud* COELHO, 2012, p. 12). Assim sendo, as mulheres se encontram insatisfeitas e com sua autoestima fragilizada, entrando em uma busca incessante por um “corpo perfeito” produzido a

partir de um ideal inatingível. Não atingindo os ideais de perfeição, continuam consumindo produtos, métodos e procedimentos que prometem fazê-las alcançarem o corpo tão esperado.

Essa busca pelo “corpo perfeito” pode fazer com que as mulheres se submetam a diversos tipos de procedimentos estéticos, mesmo compreendendo todos os riscos que eles podem trazer. De acordo com um estudo elaborado pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética em 2017, o Brasil se encontra em 2ª lugar no ranking mundial de realização de procedimentos cirúrgicos estéticos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, executando um total de 2.427.535 procedimentos neste ano, sendo responsável por 10,4% dos procedimentos feitos mundialmente. As mulheres prevalecem fazendo mais procedimentos estéticos do que os homens, representando 86,4% da população que se submetem a esses procedimentos.

Segundo Costa e Gervasoni (2015, p. 8), “a supervalorização das aparências bem como a redução da mulher à beleza é prejudicial e nocivo à saúde mental e física”. Diante desses acontecimentos, tenho interesse em compreender como se encontra a vivência das mulheres na contemporaneidade perante esse sistema opressor de padronização e controle de seus corpos.

Para isso, utilizarei como base a abordagem fenomenológica-existencial. A Fenomenologia foi desenvolvida a princípio por Edmund Husserl (1859-1938) e, desde então, vem provocando muita reflexão e estudos em várias áreas de conhecimento, uma delas sendo a Psicologia. A palavra fenomenologia emergiu com base do grego *phainesthai*, a qual tem o significado de "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e logos é um sufixo que é entendido enquanto "explicação" ou "estudo". Por fenômeno, conseguimos entender que é tudo aquilo que aparece à consciência, podendo ser uma situação, um fato, um objeto de estudo etc. Tudo que acontece, que conseguimos perceber, é a experiência, a coisa que se apresenta para nós.

21

Cada fenômeno traz em si mesmo, os elementos suficientes para a sua compreensão, não precisamos agir para comprovar teorias, nem para refutá-las, em fenomenologia nós vamos, com um olhar atento ao que se mostra diante de nós, buscando compreender o que é que se mostra e como se mostra. Como se mostra à consciência que intenciona, que escolhe, que percebe, que deseja, que fantasia, que age, que produz. (BORBA, 2010, p. 107).

Portanto, a Fenomenologia pode ser interpretada como o estudo, a análise dos fenômenos, ela busca entender como o fenômeno é compreendido pela consciência, como esse objeto de estudo, como esse fato vai ser apresentado à consciência humana, à nossa forma de pensar.

A fenomenologia não se interessa imediatamente pelos objetos ou pelos fatos, mas pelos sentidos que neles podem ser percebidos. Fenomenologia é o ato de perceber e descrever as essências ou sentidos dos objetos.

Enquanto as ciências positivas buscam suas verdades nos fatos, a fenomenologia descreve essas verdades a partir da percepção das essências dos fatos, pois é nelas que os seus sentidos se revelam tais quais são. (BORBA 2010 *apud* GUIMARÃES, 2008, p.73).

O Existencialismo surge a partir das ideias de Soren Kierkegaard (1813-1855). Dentro do pensamento existencialista, a essência humana é construída durante a sua vivência, a partir de sua experiência no mundo e de suas escolhas, visto que os humanos possuem liberdade. No entanto, essa liberdade gera responsabilidade, dado que somente o ser humano será responsável pelos seus atos.

Para os existencialistas, a nossa vida não foi traçada anteriormente e seríamos

nós os responsáveis pelo nosso próprio caminho, “a existência humana implica decisão, escolha, não são mais determinados pela natureza” (SANTOS, 2011, p. 204). Esta certeza geraria a angústia, um sentimento incômodo mas que também é um sinal de que temos liberdade de escolha, “A angústia para Kierkegaard é a possibilidade de liberdade” (SANTOS, 2011, p. 205).

Em suas obras, Kierkegaard defende, sobretudo, o livre-arbítrio e analisa como a angústia faz parte da nossa existência, devendo ser considerada como uma característica fundamental para os seres humanos, “Segundo Kierkegaard a angústia é a vertigem da liberdade. O indivíduo sente ao mesmo tempo uma repulsa e uma atração” (SANTOS, 2011, p. 203). Contribuições de tais filosofias serão auxiliares na estrutura das análises do presente artigo.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como objetivo uma revisão de literatura a respeito do padrão de beleza e do controle dos corpos femininos ao longo dos tempos, de modo a compreender como isso afeta a saúde das mulheres contemporâneas. Para isso, foram utilizados artigos científicos indexados no Scielo e Google Acadêmico, publicados entre o período de 2011 a 2021, usando como critério trabalhos que se relacionassem com o objetivo da pesquisa, priorizando estudos sociais ou da área da saúde, tendo como metodologia a revisão de literatura e sendo escrito por mulheres. A análise do conteúdo será realizada compreendendo a vivência sócio-histórica cultural das mulheres a partir do viés fenomenológico-existencial.

22

3. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Abaixo a tabela com os cinco artigos utilizados neste estudo.

Quadro 1: Artigos analisados neste trabalho

Nº 01	
Artigo	Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje
Autor	Maria Raquel Barbosa, Paula Mena Matos e Maria Emília Costa
Ano	2011
Revista Publicada	Psicologia & Sociedade
Objetivos	Propor o pensamento sobre os aspectos sociais e culturais que contribuíram para a construção do corpo na sociedade, entendendo como o corpo tem sido olhado e representado socialmente.
Métodos	Estudo literário de base qualitativa.

Resultados	O corpo é socialmente construído, a avaliação que as pessoas fazem de seus corpos varia de acordo com o contexto social e o ambiente em que elas estão inseridas e com as suas interações com os demais, assim, as representações dos corpos se modificaram em cada período histórico.
Nº 02	
Artigo	Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade
Autor	Jurema Barros Dantas
Ano	2011
Revista Publicada	Estudos e Pesquisas em Psicologia
Objetivos	Refletir a maneira como a valorização do corpo vem se transformando em uma ordem do viver contemporâneo e discutir a relação que se tem sido construída entre as pessoas e seus corpos na época atual.
Métodos	Estudo literário de base qualitativa.
Resultados	O corpo estabeleceu um grande valor social sendo utilizado como um gerador de capital, é propagado um ideal inatingível que promove uma sensação de obrigação e culpa às pessoas, interferindo em sua relação com seus corpos.
Nº 03	
Artigo	Discursos midiáticos sobre o corpo feminino: o healthism e a violência simbólica
Autor	Flávia Martins dos Santos e Lenise Santana Borges.
Ano	2015
Revista Publicada	XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
Objetivos	Debater de que maneira os discursos midiáticos apontam os modelos ideais de corpos femininos como padrões a serem desejados e buscados.
Métodos	Estudo literário de base qualitativa.
Resultados	Os sistemas de poder que envolvem o discurso do corpo perfeito sustentam a violência simbólica que guiam as mulheres de forma obsessiva a desejarem se enquadrar ao padrão de beleza.

Artigo	O impacto emocional imposto pela ditadura da beleza: uma revisão narrativa
Autor	Manuella da Silva Machado, Isabela Costa Linhares , Larissa Sant'Ana Brum, Mariana Saracino de Almeida , Márcia Barroso Werneck.
Ano	2021
Revista Publicada	Revista Eletrônica Acervo Científico
Objetivos	Pensar o impacto emocional que a ditadura da beleza provoca na sociedade contemporânea, intencionando-se a construir uma estrutura teórica fundamentada e uniforme com a finalidade de gerar conhecimento e alcançar o bem-estar físico, mental, social e emocional.
Métodos	Revisão Integrativa de Literatura
Resultados	Considera-se que a busca desenfreada por um corpo perfeito, faz com que as pessoas se submetam a sacrifícios e a procedimentos estéticos, e quando não conseguem atingir o padrão de beleza ideal, sentem-se frustradas, desencadeando assim, sentimentos de impotência, os quais podem romper a linha tênue entre o saudável e o patológico.
Nº 05	
Artigo	Indústria da beleza como vetor da pressão estética: a influência das novas mídias na imposição de padrões
Autor	Ana Beatriz Pereira Rocha, Michelly Santos e Suelly Maux.
Ano	2019
Revista Publicada	XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste
Objetivos	Identificar como a indústria da beleza incentiva um consumo exagerado, compreender como o corpo se tornou o centro na vida das mulheres e o modo como as mídias sociais estimulam a pressão estética.
Métodos	Estudo literário de base qualitativa.
Resultados	A indústria da beleza lucra a partir da insatisfação corporal das mulheres, que acabam por consumir não somente produtos materiais, mas falsas realidades. A mídia resume as mulheres à forma de seus corpos, o que resulta em grandes complicações na relação mulher-corpo.

Em “**Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**”, as autoras destacam que a história do corpo humano está intrinsecamente relacionada à história da civilização, onde cada cultura produz sobre o corpo determinações que criam os

padrões presentes naquela sociedade. Com o tempo, os discursos sociais foram mudando e, com isso, foram ocorrendo também as mudanças sobre a concepção de corpo. Na Grécia Antiga, o corpo ideal era contrário àquele natural, o qual era treinado e produzido de acordo com seu aperfeiçoamento. O corpo era considerado um item de glorificação e de interesse do Estado. Havia uma valorização da saúde, da habilidade atlética e da fertilidade, em que todas as idades possuíam a sua beleza, e a pessoa perfeita era aquela que ornava entre o estético, o físico e o intelecto, sendo o corpo bonito tão importante quanto uma mente brilhante. Mas é indispensável a compreensão de que a ideia de corpo perfeito não incluía as mulheres, essa noção

24

era pensada e produzida para os homens, e os corpos não serviam apenas para serem ostentados, eles eram também instrumentos de combate.

Com o Cristianismo, que tem uma história específica e complexa em relação ao corpo, foi-se construindo uma nova percepção sobre o corpo, o qual transita da manifestação de beleza para a fonte de pecado e passa então a ser “proibido”. As mulheres e os homens deviam ocultar seus corpos, mesmo entre os casais. Por um lado, o corpo era reprimido e por outro glorificado, a morte de Cristo era encarada enquanto uma lição, tendo em vista que lidar com a dor do corpo tem um valor maior do que lidar com os prazeres. O homem deveria se descobrir como além de um corpo, mas sim como alma que precisa lutar contra os desejos para que assim escape da morte e possa alcançar a eternidade e a salvação.

Na Idade Média, com a sociedade feudal, as características corporais tinham um papel fundamental para a organização das funções sociais. Uma nova interpretação do corpo surgiu com o laço entre a Igreja e a Monarquia, sendo o corpo a prisão da alma. Marcam esse período os sistemas coercitivos sobre o corpo, sendo comuns o acontecimento de castigos e execuções públicas condenados pela Inquisição. Com o propósito de libertar a alma dos hereges, a Inquisição começou a utilizar como uma maneira de punição a tortura e a fogueira. Nos “processos de bruxaria”, muitas mulheres foram mortas, pelo fato de que o principal conceito era de que as mulheres, através da bruxaria e por meio da sexualidade, enfeitiçavam os homens para se apossar primeiro de seus corpos e depois das suas almas. A partir desse fato, as bruxas tinham os seus corpos examinados, eram despidas, os cabelos e pêlos raspados, como uma forma de tentar encontrar algo que pudessem comprometer, já que elas eram vistas como feiticeiras ou “agente do demônio”.

Na Era Moderna, o corpo começou a ser visto sob uma perspectiva científica, servindo como objeto de estudo e experiências. A conquista de um corpo considerado sadio controlava as pessoas. No Século XVIII, foi resgatada a divisão corpo-alma que havia sido elaborada na antiguidade clássica. No Século XVII, com o capitalismo, o corpo se manifestou enquanto oprimido e manipulável, a propagação do capitalismo e a produção em massa provocaram a homogeneização dos hábitos, onde o corpo é produtor e deve ter saúde para produzir melhor, ajustando-se ao padrão de beleza para ser um melhor consumidor.

Nos dias atuais, o investimento no próprio corpo cresceu bastante entre a população, a mídia utiliza os modelos de beleza para que as pessoas sintam interesse em consumir o que a indústria da beleza tem a oferecer. O corpo é modificado a fim de alcançar um reconhecimento e aprovação social. Torna-se um problema, portanto, o consumo exagerado que ultrapassa às necessidades, uma vez que o corpo se estabelece no mercado com a possibilidade de consumir e ser consumido.

A avaliação que as pessoas fazem de seus corpos é aprendida a partir da interação com as outras pessoas e com o ambiente em que se está vivendo. Dessa forma, a sua imagem corporal é construída e vai sendo reavaliada constantemente no

decorrer da vida. É por meio do nosso corpo que apresentamos as afetações que as relações têm em nós, considerando o contexto relacional e cultural que interferem nesse processo de construção.

O artigo **“Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade”** ressalta que a maneira como a sociedade pensa o corpo e como as pessoas se relacionam com ele variam de acordo com a história, pois tudo o que contorna o corpo

25

é influenciado pela ciência, cultura, política e sociedade. O corpo já ganhou diversas definições vindas de importantes pensadores, como Platão, Bérqson, Descartes, Espinosa, Merleau-Ponty, Freud e Marx. No início da modernidade, seguindo o pensamento de Descartes que o corpo é uma substância extensa em oposição à substância pensante, o corpo passou a ser compreendido como uma máquina, um objeto sendo possível controlar, dividir, reconstruir, estudar, manipular e prever o seu funcionamento.

O texto destaca que a introdução das tecnologias no cotidiano gerou uma mudança na estética e na construção do corpo, o acesso aos vários recursos relacionados à boa forma transformou a relação das pessoas com seus corpos. Concebe-se uma exaltação e supervalorização dos corpos na sociedade, sendo o corpo o meio pelo qual seria possível alcançar o sucesso e felicidade, mas para isso ele precisaria ser jovem, bonito e saudável.

Explicita-se que o culto ao corpo pode ser entendido como uma maneira extremamente preocupada em fazer com que o corpo se aproxime do padrão de beleza, não se importando quais sacrifícios seriam necessários realizar para chegar a tal ideal, construindo-se como um método de sobrevivência contemporâneo que é capaz de solucionar perfeitamente qualquer problema da vida cotidiana. Na atualidade, o corpo aparenta se mostrar como uma união de desejo, ciência e tecnologia em nome do bem-estar.

A indústria do culto ao corpo se responsabiliza em elaborar a insatisfação corporal, a fim de que as pessoas sintam a necessidade de modificá-lo, ampliá-lo, ajustá-lo, melhorá-lo e até criá-lo, às vezes parecendo ser um rascunho que pode ser feito ou aperfeiçoado conforme a vontade e as condições financeiras das pessoas.

As ideias de saúde e estética se integram para disseminar o cuidado com o corpo, o qual se estabelece como uma obrigação, causando a sensação de culpa, impotência e ansiedade naqueles que não podem realizá-lo. Esses tratamentos acabam se tornando uma fonte de lucro a essa indústria, sendo seduzidos a consumir o que o mercado pretende vender com a intenção de reduzir tais sentimentos. Essa ansiedade, porém, é regularmente fortalecida pelo mesmo mercado para que a procura nunca cesse. Os meios de comunicação direcionam as pessoas a crerem que qualquer imperfeição de seu corpo é consequência de negligência pessoal e carência de cuidado de si, sendo possível e fácil se aproximar do padrão de beleza apenas tendo força de vontade ou seguindo as dicas dos especialistas.

Para a autora, refletir a relação que as pessoas estão estabelecendo com seus corpos se torna necessário dentro do cenário atual para que assim haja a possibilidade de questionar os caminhos que essa relação está tomando.

No artigo **“Discursos midiáticos sobre o corpo feminino: o *healthism* e a violência simbólica”**, fala-se da centralidade que os aspectos corporais têm tomado na cultura contemporânea. Nos estudos sobre corporeidade, entende-se a ideia do corpo como uma construção simbólica e social e não como uma simples vivência

biológica. Através dos corpos se manifestavam na sociedade moderna os poderes e saberes que contribuíam para o controle dos corpos, sendo o corpo disciplinado, produtivo e útil à sua base. Nos tempos atuais, cita-se no texto que não acabaram os controles às pessoas, mas sim se readaptaram.

26

É compreensível que a mídia esteja ocupando um lugar de controle social, onde por vezes impõe comportamentos que devem ser considerados adequados e desejáveis, e assim funciona com os aspectos de cuidados com o corpo, os quais sempre acompanham uma atitude de consumo. A mídia amplia a ideia de que para ser aceito socialmente, deve-se estar dentro dos padrões corporais apresentados, principalmente o corpo das mulheres que sofrem uma tentativa de controle de suas identidades, visando à homogeneização e aperfeiçoamento de seus corpos, incentivando a autovigilância.

As autoras apontam que na atualidade a ideia do que é ser mulher se encontra completamente atravessada pelas concepções do ideal de corpo feminino contemporâneo, e é possível que seja o momento histórico onde mais se reduzem as mulheres aos seus corpos e à feminilidade. O poder simbólico funciona dentro dessas perspectivas manifestando-se como algo que não há a possibilidade de fugir ou optar por outra coisa, o que domina as subjetividades femininas e a administração de seus corpos. O poder simbólico do ideal corporal se torna uma “violência simbólica” contra as mulheres, sendo caracterizada como uma dominação “consentida” em que essas regras são entendidas como natural e, logo, devem ser respeitadas.

A formação das “bioidentidades” afirma a construção de pessoas especialistas na autovigilância e no domínio de seus corpos, a sua gestão ordena sacrifícios de dor, dinheiro e tempo que colocam o corpo padrão como a finalidade, justificando todas as privações e desejos. Entende-se “*healthism*” como um imperativo da saúde, onde há uma comercialização da saúde a favor dos corpos dentro do padrão de beleza. Observa-se que o discurso médico e científico está em todo lugar quando se diz respeito aos cuidados com o corpo, transformando as práticas estéticas em práticas em prol da saúde. A propagação da autovigilância e do imperativo do corpo saudável bancam a violência simbólica que guia as mulheres à busca obsessiva de se encaixarem no padrão de beleza.

Em “**O impacto emocional imposto pela ditadura da beleza: uma revisão narrativa**” explica-se que a beleza é o que lidera a sociedade do espetáculo, que pode ser entendida como o consumo de imagens fabricadas pela indústria cultural, nas quais produzem uma falsa realidade, porém é vivida como se fosse verdadeira. Isto é, a sociedade foca na aparência, sobrevivendo apenas aqueles que podem ser vistos, como as atrizes ou blogueiras que se tornam exemplo do padrão de beleza, pessoas que hipoteticamente são superiores aos espectadores, dominando o espetáculo e convencendo o espectador a querer ser como elas. Os espectadores se configuram seres alienados que seguem as ordens da mídia, que incentiva o consumo de produtos e procedimentos estéticos numa procura compulsiva por alcançar o padrão de beleza.

Os meios de comunicação controlam os comportamentos sociais, influenciando como as pessoas se relacionam com o próprio corpo. O padrão de beleza se refere a um perfil inatingível, fazendo com que aquele corpo criado imagneticamente pela mídia, o corpo virtual, e o corpo de fato real sejam excessivamente diferentes, o que pode fazer com que a pessoa caia na obsessão dos cuidados exagerados com o corpo e oriente toda a sua vivência em busca do corpo perfeito. O espectador desse espetáculo começa a consumir o que for necessário para diminuir a divergência entre o corpo ideal e virtual e o real. Quando esse corpo ideal não é atingido, possivelmente aparecem sentimentos de insatisfação corporal, podendo provocar disseminado na sociedade. Na época atual, estar bonita é um dever da mulher imposto pela sociedade

do espetáculo. Desse modo, a busca pelos padrões estéticos deixou de ser uma

27

escolha e se tornou uma obrigação moral, a qual a mulher não deve medir esforços para conquistar. O corpo, então, transforma-se em um meio de consumo, fabricando mais consumo.

A Medicina da Beleza propõe que as cirurgias plásticas irão modificar a insatisfação como respostas emocionais negativas que afetam a saúde mental das pessoas.

As autoras citam que os corpos são produções que se exibem de diferentes maneiras durante a história, mesmo a concepção de beleza se constituindo como subjetiva, ela ainda se encontra fixada à produção de estereótipos padronizados em momentos históricos diferentes. Diante disso, em cada período, o grupo social com maior facilidade de influenciar a forma de pensar das pessoas é a responsável por construir o padrão de imagem corporal que deve ser classificado como belo e corporal, o que não sucede, pois com a execução das cirurgias novos padrões estéticos surgem, gerando um ciclo vicioso e uma insatisfação eterna. Perante o “culto ao corpo” as pessoas têm se distanciado da sua própria identidade. As “imperfeições” do corpo são constantemente controladas e temidas, às vezes de maneira fóbica. Assim sendo, não diz respeito a apenas desejar ter o “corpo perfeito”, mas também a procura por ter a mente livre de sofrimento.

No artigo "**Indústria da beleza como vetor da pressão estética: a influência das novas mídias na imposição de padrões**", as autoras destacam que as transformações que ocorrem na sociedade modificam os valores morais e os modelos de conduta da população. Quando se fala sobre o corpo, não houve tanta mudança em seu valor, desde a Grécia Antiga a ideia de beleza é colocada como próxima à perfeição, o culto à estética e a valorização da aparência física está presente em todo o mundo, diferenciando-se em cada cultura.

A indústria da beleza lucra a partir da manifestação da mídia voltada para o aprimoramento da aparência, através do impulsionamento do consumo e disseminação da necessidade de um cuidado demasiado. O modo como consumimos tem mudado com o tempo, antes as demandas criavam as ofertas e, hoje em dia, as empresas utilizando a publicidade produzem falsas necessidades para o público desejar consumir. E assim, o grupo "pertencente" ao melhor lugar da sociedade é aquele que possui os bens de consumo reconhecidos socialmente. É dessa forma também quando relacionamos a beleza. O consumo não se refere somente aos materiais, nas redes sociais, por exemplo, o que se consome é uma realidade adulterada que provoca uma insegurança incessante a quem consome tal conteúdo.

Os papéis que são impostos às mulheres fazem com que as mulheres ocupem uma posição de submissão e tenham seus poderes de decisão e liberdade diminuídos. Dentro dessas circunstâncias, a posse do corpo da mulher foi tomada e deslocada para o meio social, onde todos se sentem à vontade para intervir sobre seus corpos. Desse modo, a mulher que seria quem deveria ter esse domínio acaba tendo a sua subjetividade e individualidade negadas. O corpo da mulher se torna um objeto de uso, essa objetificação retira a sua autonomia. A mídia utiliza disso retirando de cena a intelectualidade das mulheres e expondo os seus corpos (somente aqueles dentro do padrão) como acessórios sexualizados, contribuindo para que a construção da autoimagem feminina seja distorcida.

As autoras alegam que a pressão estética aumenta para as mulheres gordas, que não se encontram dentro do padrão estipulado como bonito e correto. Essas

28

mulheres sofrem não apenas prejuízos psicológicos e emocionais, mas também uma exclusão social, a partir do momento em que toda a articulação da sociedade exclui a existência dos corpos gordos. Nos transportes não há acentos confortáveis, a indústria da moda não se importa em visibilizar esses corpos, os médicos em grande maioria produzem discursos gordofóbicos utilizando um suporte acadêmico, julgamento social e tudo isso com a mídia reforçando os ideais de beleza.

O corpo gordo é visto como sinônimo de fracasso e sem saúde, sendo o exemplo a não ser seguido por ninguém, enquanto o magro é colocado como o ideal a ser alcançado, saudável e belo. Existem muitas consequências devido a essas questões que influenciam na existência das mulheres e afetam o funcionamento da saúde física e mental, entre elas estão a possibilidade do desenvolvimento da compulsão alimentar, da bulimia e da anorexia, resultando sempre em ódio ao próprio corpo. Na atualidade, esses distúrbios e transtornos de autoimagem são estudados e analisados considerando como estão intrinsecamente relacionados ao contexto social.

De acordo com Sapienza (2015), exercer a fenomenologia é suspender as teorias, permitir que o que esteja perante a nós seja capaz de ser observado por nós através dele mesmo e se apresente sem a intervenção do que as teorias falaram sobre ele.

Na percepção da fenomenologia, o homem vai se constituindo a partir das suas vivências coletivas, o mundo em que ele vive é a todo momento atravessado por imposições que intervêm no processo da construção de sua identidade. No conceito de impessoalidade de Heidegger, o homem depara com as imposições sociais que pretendem instituir como as pessoas devem viver (ROEHE E DUTRA, 2014). No mesmo sentido, o dever de corresponder a beleza considerada ideal é colocada a todos como uma obrigação.

Heidegger articula sobre como as determinações sociais são atravessadas pela história, o tempo e o horizonte hermenêutico. A partir das suas reflexões, o horizonte hermenêutico seria o responsável por estabelecer as coisas, dessa forma, entendemos que o horizonte hermenêutico cria a interpretação do que seja beleza e a nossa percepção é fortemente configurada por ele, então nós passamos a ver o que é “belo” ou “feio” em função do horizonte hermenêutico, do tempo histórico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho comprovou como o ideal do corpo feminino vem sofrendo diversas transformações e influências sociais como da política, da cultura e também da ciência ao longo do tempo, o que impacta diretamente na forma em que as mulheres irão se relacionar com os seus corpos. Durante toda a história, o corpo feminino é controlado a fim de se tornar mais útil para o sistema patriarcal e capitalista, o que tem causado prejuízos na saúde da mulher, tanto na saúde física quanto na saúde mental, pois muitas vezes essas mulheres se apegam ao modelo ideal de beleza que esse sistema exhibe de tal forma que não medem os pontos negativos que essa busca incessante pela perfeição pode causar. Logo, o corpo acaba sendo um motivo de sofrimento para a mulher e um meio pelo qual a sociedade encontrou de punir as mulheres por serem mulheres.

As mulheres têm perdido o direito de se apresentarem dentro das suas diversidades sem que sejam massacradas pelas possibilidades de modificação de seus corpos para que se enquadrem na homogeneização que é tão ostentada nos

meios de comunicação e nas mídias sociais. A feminilidade a todo instante se caracterizou como uma forma de opressão às mulheres, e o padrão de beleza reafirma essa ideia partindo do conceito de que a mulher precisa ser feminina para se socializar enquanto uma mulher. Nessa concepção da feminilidade pode-se entender como presente a fragilidade, a submissão, a beleza, a sexualização e/ou infantilização dos corpos, e tudo isso sendo relacionado a uma ideia de que tais concepções fazem parte da natureza feminina. Com a noção de que estar dentro do padrão de beleza é uma obrigação, a mulher se interessa em realizar vários procedimentos estéticos a fim de chegar o mais próximo possível do que se entende como o ideal. Com isso, a indústria da beleza lucra e o corpo da mulher é visto como um objeto que pode ser alterado sempre que sentir vontade. Sendo essa vontade induzida o tempo inteiro pela sociedade de diversas formas diferentes, como, por exemplo, usando a imagem da mulher poderosa como uma mulher branca, magra, alta e feminilizada.

Essa pesquisa pode contribuir para uma melhor compreensão a respeito do modo pelo qual o corpo da mulher tem sido uma questão fundamentalmente importante na sua vivência por muito tempo, sendo atravessado por inúmeras manifestações sociais. Acredito que esse trabalho possa auxiliar academicamente aos demais estudantes, pesquisadores e profissionais de Psicologia a respeito do sistema que oprime as mulheres fazendo com que elas não se sintam livres para viverem com as suas aparências e se sintam, muitas vezes, na obrigação de modificá-las para então serem vistas como bonitas, interessantes ou com sucesso. A pesquisa colabora para o entendimento de como todo esse conceito de beleza é excludente e violento às mulheres, não considerando a subjetividade de cada uma e desprezando características naturais dos nossos corpos.

A Fenomenologia-Existencial pode auxiliar o entendimento do trabalho nos ajudando a compreender o que está se ocultando na vivência da mulher com o seu corpo, observando a maneira como elas têm mostrado essa relação. O que estaria oculto na necessidade da mulher de se enquadrar no padrão de beleza? Considerando a ideia do filósofo Heidegger, as pessoas se determinam a partir das suas vivências e das relações com as outras pessoas, com isso, existem atravessamentos a todo momento na vida da mulher que influenciam a construção da sua identidade. É possível perceber que socialmente existe uma valorização da beleza que é passada de geração a geração, mas vai sendo modificada a noção de belo de acordo com o horizonte histórico em que se está.

Posto isso, a ideia de beleza feminina não pode ser considerada como possuidora de uma essência fixa, porque ela vai se constituindo conforme o período histórico que se encontra, sendo possível compreender como o ideal de beleza feminina foi sendo transformado com o tempo. A impessoalidade ou “todo mundo” são as determinações que são definidas no mundo do Dasein que se caracterizam por estabelecer a forma como as pessoas devem orientar e viver as suas vidas. A ideia de um padrão de beleza único para todos faz parte desse contexto da impessoalidade, onde o modelo de beleza ideal é posto para todas as mulheres e fazem com que elas se submetam a qualquer procedimento com a intenção de se sentir parte desse “todo mundo” e a impedindo de ver que há outras possibilidades de ser. Dessa forma, a necessidade da mulher de se aproximar do padrão de beleza não se caracteriza apenas como uma simples vontade, mas como uma determinação social com influência histórica que deseja garantir que ela se sinta incluída na sociedade.

30

O estudo presente se torna consideravelmente relevante para a conscientização das mulheres quanto a como somos levadas a acreditar que precisamos corresponder às demandas culturais e sociais no requisito beleza, para assim idealizarmos que só nos sentiríamos bem com a nossa própria imagem se chegarmos ao modelo de beleza ideal, mesmo entendendo que as poucas mulheres

que atingem o ideal de beleza não se sentem satisfeitas com si mesmas e continuam buscando a perfeição através de procedimentos, cirurgias ou medicamentos. Também se torna um assunto necessário, pois ainda são escassas as pesquisas acadêmicas onde apontam a temática escolhida, referindo-se às consequências na saúde mental das mulheres, dessa forma, o trabalho pode se tornar uma ótima ferramenta de estudo para os interessados. É importante considerar que essa pesquisa não esgota o tema abordado, compreendendo que é um tema vasto e de indispensável análise, assim sendo, se faz fundamental que haja novos trabalhos que complementem o assunto.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e Sociedade**. v. 23, n.1, p. 24-34, 2011.

DANTAS, J. B. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011.

MACHADO, M. S.; LINHARES, I. C.; BRUM, L. S.; ALMEIDA, M.S.; WERNECK, M.B. O impacto emocional imposto pela ditadura da beleza: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**. v. 34, p. 1-12, 2021.

ROCHA, A, B, P.;SANTOS, M.; MAUX, S. **Indústria da beleza como vetor da pressão estética**: a influência das novas mídias na imposição de padrões. In: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2019, São Luís.

SANTOS, F. M.; BORGES, L.S. **Discursos midiáticos sobre o corpo feminino**: o healthism e a violência simbólica. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro.

31

CAPÍTULO 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, J. M. M. A Fenomenologia em Husserl. **Revista do Nufen**. v. 01, n. 02, p. 90 - 111, 2010.

CAMILO, C. H. Arte e Estética: entenda as mudanças de padrão de beleza ao longo da história! **Ser Cirurgia Plástica**, 2017. Disponível em: <<https://sercirurgiaplastica.com.br/arte-e-estetica-entenda-as-mudancas-de-padr-ao-de-beleza-ao-longo-da-historia/>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

COELHO, F. D. **Insatisfação corporal em mulheres submetidas à cirurgia plástica**. 2013. 121p. Pós-Graduação. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

COSTA, M. M. M.; GERVASONI, T. A. **Efeitos da violência simbólica no culto ao corpo perfeito enquanto violência estética**: análise de alguns casos. In: XII

Seminário Internacional de demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, 2015

DOMINGUES, J. E. A beleza da Grécia Antiga ao século XIX. **Ensinar História**, 2015. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/a-beleza-na-grecia-antiga-e-hoje/>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

FERREIRA, F. R. Corpo feminino e beleza no século XX. **Alceu**. v. 11, n. 21, p. 186 - 201, 2010.

MAIS recente estudo internacional demonstra crescimento mundial em cirurgia estética. **Isaps**, Nova Iorque, 1 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2018/11/2017-Global-Survey-Press-Release-br.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

NASCIMENTO, C. M.; PRÓCHNO, C. C. S. C.; SILVA, L. C. A. O corpo da mulher contemporânea em revista. **Fractal: Revista de Psicologia**. v. 24, n. 2, p. 385-404, 2012.

32

PRADO, R. A. A.; CALDAS, M.T.; QUEIROZ, E.F. O corpo em uma perspectiva fenomenológico-existencial: aproximações entre Heidegger e Merleau-Ponty. **Psicologia: Ciência e Profissão**. vol. 32, n. 4, pp. 776-791, 2012.

ROEHE, M. V.; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances en Psicología Latinoamericana**. v. 32, n.1, p. 105-113, 2014.

SANTOS, P. C. F. A atualidade do conceito de angústia de Kierkegaard. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. v. 9, n. 2, p. 202 - 214, 2011.

SAPIENZA, B. T. **Encontro com a Daseinsanalyse**: a obra *Ser e Tempo*, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica. 1ed. São Paulo: Maria Cristina Rios Magalhães, 2015. 103p.

SHMIDTT, A.; OLIVEIRA, C.; GALLAS, J. C. **O mercado da beleza e suas consequências**. Balneário Camboriú, 2008.

SUENAGA, C.; LISBOA, D.C; SILVA, M.S; PAULA, V. B. **Conceito, beleza e contemporaneidade fragmentos históricos no decorrer da evolução estética**.

2012. 16p. Monografia (Curso de Cosmetologia e Estética) - Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2012.

VIANNA, C. S. M. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito UFPR.** p. 1-14, 2006.

VILLAÇA, L. A; RIBEIRO, M. T. O. **A influência da mídia na estética corporal feminina.** 2020, Campos dos Goytacazes.